

08-04-2021

NÃO É SÓ A FÉ QUE MOVE MONTANHAS

Valdir Specian

[Professor Universidade Estadual de Goiás. Doutorado em Geografia.
Membro do Grupo Espaço, Sujeito e Existência Dona Alzira]

Sempre ouvi de pessoas religiosas e, sobretudo, de minha querida mãe que a Fé move montanhas. Dona Maria é uma pessoa de muita fé... Sempre que a coisa aperta recorro a ela e às suas orações para destravar os solavancos de meu cotidiano. Não sou versado em religiões, mas tenho fé.

Para além dessa Fé que move montanhas e, é claro, logo penso no sentido literal - uma montanha sendo movida.

Não coloco em debate a fé de ninguém - mas uma coisa eu digo - se a fé pode mover montanhas, o que dizer dos sistemas produtivos - esses não só movem montanhas, mas provocam profundas necroses nas paisagens e, também, em mulheres e homens -. Aprendi um pouco dos males da mineração com o nosso amigo Ricardo e em seus textos que misturam saúde; literatura; mineração; trabalho e Geografia. Me arrisco, com cautela, a vasculhar um pouquinho sobre o assunto. Nada muito profundo, apenas divagações - daquelas que temos quando estamos sozinhos... E se em um instante - de um segundo para outro - O Morro do Macaco (Iporá/GO) desaparecesse; no Rio de Janeiro os cariocas acordassem e o Cristo que antes abria os braços para a cidade sobre o Corcovado, agora estivesse deitado na Borges de Medeiros como se quisesse tomar água da Lagoa (a montanha sumiu - ficou "apenas" o Cristo); no Maranhão, os fiéis que se preparavam para subir a Serra Negra (Formosa de Serra Negra), agora - incrédulos - olham no horizonte e já não avistam a Serra de pagar penitência. No Brasil, montanhas de minério são embarcadas em navios para virar reserva em outros países. Da Serra do Navio (AP) só restou a ilha em formato de barco, a Serra composta de Manganês partiu em outros navios.... histórias e geografias de um Brasil distante.

Nas Minas Gerais, a poesia crítica de Drummond tem palavras que demonstram a tristeza das cicatrizes deixadas na natureza. Em "Confidência do Itabirano" ele declara a ausência de horizontes que se perderam de vista dos antigos moradores. Na crônica Vila de Utopia, outras referências: "O pico do Cauê, nossa primeira visão do mundo, também era inconsciente, calmo". Drummond em seu retorno à Itabira do Mato Dentro transformou em versos suas impressões da paisagem e as marcas, antes na "natureza", agora estão em seu próprio corpo, sua existência.

Sua poesia é profundamente sublinhada pela mineração; o ferro; o maior trem do mundo.

Em minha infância na Periferia de Mauá/SP a principal referência paisagística era a avenida que serpenteava junto com o rio (Tamandateí) o entorno dos morros, a vista se perdia junto a uma curva mais distante.

Os morros ainda não haviam sido transformados em loteamentos/depósitos de pobres em suas periferias violentas. Entre esses morros tinha aquele que denominamos de Morro Verde, era o mais distante que podíamos ver, poucas vezes nos aventuramos em ir até o local. Hoje ele também virou um imenso loteamento - a paisagem da infância ficou apenas na memória.

As paisagens espelham nossa existência. Se o Pico do Cauê expresso em versos marcou a vida de Drummond, como as amigas e amigos do poeta foram feridas/os e não tiveram a oportunidade de eternizar suas impressões em letras organizadas no papel? Às vezes a mesma paisagem que nos é roubada é onde homens e mulheres são colocados para trabalhar, para minerar. As empresas que não têm sentimentos/afetividades por qualquer natureza, contrata os trabalhadores e os coloca contra o Pico de sua Infância. Os trabalhadores das minas modelam suas paisagens imaginárias.... e em outro momento essas paisagens engolem trabalhadores ou deixam eternas feridas em sua existência. Lesões em seus pulmões, agora fibrosos e que lhes nega o ar. Se, na distante Itabirito de Mato Dentro "as casas nunca se evadiram da escura paisagem da mineração", na atualidade os moradores da outra ponta, na Baía de Sepetiba (Bairro de Santa Cruz/RJ), sofrem com a chuva de prata provocada pela Siderurgia.

Outras paisagens, outras marcas, os mesmos algozes.

Em Açailândia (MA) a maior motivação das quadrilhas juninas é cantar e dançar a denúncia contra a mineração e os trens de poeira que atravessam a Cidade e as comunidades rurais - a mineração e suas fraturas não se restringem em adoecer trabalhadores apenas nas minas ou nas proximidades das siderúrgicas. A maior rota de trem de passageiros do Brasil é na realidade a rota dos grandes trens de minérios/estrada de ferros e conflitos, estrada de exclusão da população nas comunidades dos Estados do Pará e Maranhão. Nosso planeta é uma grande lata de lixo. Que me desculpe Lavoisier... a transformação é fato, mas em nossa sociedade a transformação que é feita por muitos atende poucos. E a vida perde espaço nesse encanto da transformação. As montanhas que são movidas, pela fé dos homens de bem, vão compor os restos do amanhã/restos que impedem a vida. E imaginar que na Vila de Utopia o "Pico do Cauê tinha ferro para abastecer quinhentos mundos em quinhentos anos". ■ ■ ■

Referências

Andrade, CD. Confidência do Itabirano. In: Sentimento do Mundo. SP: Cia Letras, 2012.
Andrade, CD. Vila de Utopia. In: Confissões de Minas. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.